CENTRO UNIVERSITÁRIO DR. LEÃO SAMPAIO – UNILEÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

ELLEN THATIANE DE SOUSA

DIÁLOGOS SOBRE ADOLESCÊNCIA E SUICÍDIO: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Juazeiro do Norte
2021

ELLEN THATIANE DE SOUSA

DIÁLOGOS SOBRE ADOLESCÊNCIA E SUICÍDIO: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Trabalho de Conclusão de Curso – Artigo Científico, apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, em cumprimento às exigências para a obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Orientador: Prof. Esp. Nadya Ravella Siebra de Brito Saraiva

Juazeiro do Norte
2021

ELLEN THATIANE DE SOUSA

DIÁLOGOS SOBRE ADOLESCÊNCIA E SUICÍDIO: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Trabalho de Conclusão de Curso – Artigo Científico, apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, em cumprimento às exigências para a obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Orientador: Prof. Esp. Nadya Ravella Siebra de Brito Saraiva

Aprovado em: 06/07/2021

BANCA EXAMINADORA

Prof. Esp. Nadya Ravella Siebra de Brito Saraiva
Orientadora

Prof. Dr. Joaquim Iarley Brito Roque
Avaliador

Prof. Me. Joel Lima Junior
Avaliador

DIÁLOGOS SOBRE ADOLESCÊNCIA E SUICÍDIO: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Ellen Thatiane de Sousa [1]

Nadya Ravella Siebra de Brito Saraiva [2]

RESUMO

Esse trabalho teve como objetivo principal compreender as relações contemporâneas acerca do suicídio na adolescência, por se tratar de um estudo bibliográfico, a partir do recorte específico das buscas nos demais fontes de pesquisas, foi pesquisado sobre comportamento suicida, o trabalho do psicólogo frente essa demanda, e os fatores de risco e prevenção. Como principais resultados se tem, que para os autores a adolescência se encontra enquanto um período de vulnerabilidade para essa demanda e que se faz necessário a criação de trabalhos práticos que visem a prevenção.

Palavras-chave: Suicídio. Adolescência. Comportamento suicida. Psicologia.

ABSTRACT

The main objective of this study was to understand the contemporary relations concerning suicide in adolescence. Since this is a bibliographical study, from the specific search of other research sources, it was investigated suicidal behavior, the psychologist's work facing this demand, and the risk factors and prevention. As main results, the authors found that adolescence is a period of vulnerability to this demand, and that it is necessary to create practical work aimed at prevention.

Keywords: Suicide. Adolescence. Suicidal behavior. Psicology.

1- INTRODUÇÃO

No campo da saúde mental, é mostrado uma gama de possibilidades de trabalho, nesse viés, é importante ressaltar que todas essas formas de atuação do(a) psicólogo(a), seja ele clínica, hospitalar, educacional, entre outros, apontam justamente para sofrimento psíquico e do desgaste emocional, dentre

[1] Discente do curso de psicologia da UNILEÃO ellenthatyane507@gmail.com
[2] Docente do curso de psicologia da UNILEÃO nadyabrito@leaosampaio.edu.br

outras. Este trabalho teve como objetivo tecer o que envolve a relação do suicídio como ponto de partida, e seus desdobramentos no público de adolescentes.

A adolescência em si é apontada aqui justamente pela crescente demanda desse público em relação a essa temática, no caso o suicídio, o que faz com que frente a atual realidade em relação ao sofrimento psíquico, seja ainda mais necessário a criação de trabalhos e espaços como forma de discussão e que possa ainda mais explanar o tema, como forma de atuação ativa sobre a atuação de psicólogas ao que se refere ao suicídio de adolescentes.

Para que se compreenda a importância desse tipo de temática, ela já foi por diversas vezes, ponto principal em estudos desde a Antiguidade, uma vez que se busca compreender o ato do sujeito ao tentar sobre sua própria vida. Atualmente, profissionais da saúde mental e da saúde como um todo, ainda tentam compreender e aprofundar melhor esse assunto e desenvolvem os estudos sobre a temática.

Outra pontuação que se faz necessária é de que, quando se estuda os aspectos em relação ao suicídio e adolescência, essas pesquisas e produções devem além de um olhar individual sobre o sofrimento do sujeito, compreender a gama de outras condições sociais, como por exemplo, a cultura, a sociedade, as relações afetivas e até mesmo a economia daquele espaço. No Brasil atual tem-se um cenário bastante conflitante. Segundo dados da ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE – OMS apontam que cresce em 7% o número de suicídios, ao contrário do número mundial que caiu 9,8%, em pesquisa uma realizada em 2016. A OMS aponta também que o suicídio é hoje a segunda maior causa de morte em jovens com idade média entre 15 e 29 anos.

Sendo assim, o estudo justifica-se pela necessidade acadêmica de criar arcabouço teórico acerca do tema, alimentando bancos de dados que possam servir como fonte de busca e aprendizado para que possa munir profissionais frente a essa recorrente demanda.

Em segunda instância, é importante pesquisar sobre esse tema, pois socialmente falando, visto as problemáticas causadas pela COVID-19, a tendencia é que esses números cresçam ainda mais, assim se fazendo importante compreender mais sobre e explanar isso para a sociedade.

Visto isso, a temática é de suma importância para a autora, observado o desejo de investir e pesquisar mais sobre o tema, tendo como inspiração e necessidade de avançar nessa temática, pensando no aprimoramento e no crescimento profissional.

Frente a essa pesquisa, objetiva-se de forma geral identificar os possíveis fatores que envolvem a concepção do sofrimento psíquico acerca do suicídio na adolescência, pois assim, pode-se pensar melhor onde está o núcleo do problema e quais possíveis formas de combate deste, abrindo possibilidades para novas pesquisas.

E de forma secundária, descrever os possíveis fatores que desencadeiam o comportamento suicida, tendo como ponto de partida a função de caracterização do público. Elucidar a importância do cuidado da saúde mental no período da adolescência, uma vez que esse artigo tem fundamentações sociais, que apontam a necessidade da relação da sociedade e da academia.

E finalmente, identificar associações de outras morbidades no comportamento suicida, tendo uma visão ampla e mais detalhada do fenômeno e dos seus desdobramentos na vida dos adolescentes. Vale lembrar também que tais objetivos foram traçados pensando justamente no tipo da pesquisa, para que assim se a tornasse possível, visto que ela se trata de uma pesquisa bibliográfica.

2- METODOLOGIA

Trata-se de um estudo de cunho qualitativo exploratório que de acordo com Marconi e Lakatos, (2010), pode ser compreendido um método de pesquisa que visa à importância das relações sociais, a qual possui aspectos essenciais que se consolidam na escolha apropriada de métodos e teorias, na aprovação e na análise de diversas perspectivas, bem como a visão dos autores e o seu modo de produzir conhecimento.

A pesquisa se obteve tendo como descritores: “suicídio em adolescentes”, “Psicologia e adolescência”, “psicologia e suicídio” e entre outros. As obras

analisadas foram encontradas em bases de dados físicas e virtuais, como na biblioteca eletrônica científica online– Scielo e Google Acadêmico.

Tomou-se como critério de inclusão artigos que publicados posteriormente ao ano de 2017e incluíssem as palavras chaves, e como critério de exclusão artigos publicados anteriormente ao ano de 2017 e que destoassem das palavras-chave.

3- ADOLESCÊNCIA E COMPORTAMENTO SUICIDA

3.1 ADOLESCÊNCIA E COMPORTAMENTO SUICIDA

Embora haja diversas contradições quanto a definição exata da adolescência dentro dos escritos quanto ao desenvolvimento humano, Anjos (2017), aponta o período da adolescência como sendo uma transição entre a infância e a vida adulta, caracterizada por impulsos do desenvolvimento físico, mental, emocional, sexual, e social, juntamente de esforços do indivíduo para alcançar determinados objetivos que têm como base o que é esperado pela cultura da sociedade em que vive. Esse momento da vida se inicia com as mudanças físicas típicas da puberdade e termina quando o sujeito estabiliza seu crescimento e sua personalidade, obtendo paulatinamente sua independência dos pais e financeiramente, bem como a integração em seu grupo social.

Para Azevedo, Morais e Martins (2017), na adolescência muito se destaca a criatividade, que surge nesse período como suporte para as intensas transformações que ocorrem paralelamente. Nesse momento, o sujeito adquire o pensamento formal, que torna possível o raciocínio acerca de hipóteses e a elaboração de conclusões a partir delas. Todavia, nem sempre o adolescente utiliza de premissas que levem em conta a dimensão do possível. Segundo os autores Yamazaki, Yamazaki, Labarce (2019) que reforçam essa ideia em seus inscritos sobre a evolução intelectual da adolescência a vida adulta, uma vez que diz que a construção do conhecimento e da possibilidade de atuação junto ao meio, se vem justamente de conhecimentos já aprendido pelo sujeito por meio das experimentações e da evolução positiva dos demais estágios anteriores.

Ainda sobre a ótica de Azevedo, Morais e Martins (2017), é estabelecido entre o que é pensado e o que de fato é realizável, porém é assim que se cria um espaço importante para o desenvolvimento da criatividade, que inicialmente é expresso por meio de atividades impulsivas, difusas e caóticas. A ação criativa vai tomando uma forma mais definida, integrada e produtiva aos poucos, porém, é nesse período de transição que necessita um espaço com capacidade de dar suporte as tensões dos momentos iniciais deste processo peculiar, que deve ser ofertado tanto pela família como pela escola. Esse processo articula-se necessariamente com a noção de limites, que significa a criação de um espaço protegido, onde o adolescente possa praticar sua espontaneidade, diversidade e criatividade sem receios e riscos. Cabe salientar que não há possibilidade de existir um conteúdo organizado sem um continente que lhe dê forma.

Levando isso em consideração, cabe refletir sobre o comportamento de risco e desajustado apresentado por muitos adolescentes. Precisa-se ter em mente que dentro do aspecto social, a vulnerabilidade é apontada como um dos maiores fatores contribuintes para esse tipo de comportamento. O comportamento adolescente, considerado de risco, objetiva reduzir emoções, desagradáveis e indesejáveis, garantindo a manutenção de um ciclo vicioso no qual a ação desajustada proporcionaria o alivio instantâneo dos sintomas indesejáveis, que por sua vez, dariam margem à respostas desadaptadas, gerando um intenso surgimento de afetos negativos do início e levaria o sujeito a procurar, outra vez, descarregamento nos comportamentos de risco, podendo chegar a atitudes graves como automutilação, ideação suicida e suicídio. (ALMEIDA, 2018).

Frequentemente, o comportamento suicida é classificado a partir de três categorias distintas: ideação suicida, tentativa de suicídio e suicídio consumado. Há uma heterogeneidade entre as definições destas categorias, visto que a ideação suicida sugere pensamentos, ideias, planejamento e desejo de se matar, e no outro extremo estaria o suicídio consumado, quando entre estes pontos está ação de tentativa. (NUNES;MOTA, 2017)

A singularidade do suicídio na adolescência se apresenta nessa fase do desenvolvimento, quando, em geral, aparecem intensamente os sentimentos de baixa autoestima e até quadros psiquiátricos mais graves. Nunes e Mota (2017), apontam que comportamentos como arrogância e enfrentamento demonstram

que o adolescente está tentando demonstrar muita força interior, que na realidade é muito mais um pedido de ajuda, de limites, de afeto e intento de expressar dúvidas e angústias. As condutas danosas à integridade, tomadas pelo adolescente, atravessam uma gama de manifestações, aumentando o risco de problemas emocionais, dentre os quais os sintomas depressivos e a ideação suicida são uns dos mais preocupantes.

Os autores concluem ainda que depressão - leve, moderada e grave – e o conhecimento de alguém relativamente próximo que tenha tentado ou consumado o suicídio compõem fatores de risco preponderantes para o surgimento ou fortalecimento de ideações suicidas no adolescente. Entre outros diversos fatores como luto, bullying, processo de separação dos pais, formação de identidade, também são apontados como alguns aspectos de vulnerabilidade. No entanto, cabe salientar que um único fator, visto de forma isolada, não predisporá, nem protegerá, o indivíduo ao comportamento suicida. (NUNES; MOTA, 2017)

Dessa forma, Melo, Siebra e Moreira (2017) podem complementar esse pensamento ao apontarem que os sintomas depressivos – tristeza, desesperança e falta de motivação pela vida – expressam, também, fatores de risco ao comportamento suicida.

Inclusive, segundo eles, Melo, Siebra e Moreira (2017), adolescentes com transtorno depressivo maior, apresentam, geralmente, sintomas como irritabilidade e instabilidade quanto ao humor, episódios de agressividade e raiva, além de indisposição, apatia, desinteresse, retardo psicomotor, conturbação do sono, perturbação no apetite, isolamento, dificuldade de concentração, sentimentos de desesperança, uso e abuso de drogas, e em situação extrema: ideação e comportamento suicida.

Além disso, Moura et al (2017) concluem que eventos estressores ao longo da vida, a exposição a diversos tipos de violência, uso de drogas lícitas e/ou ilícitas, adversidades familiares, histórico de suicídio na família, vulnerabilidade social, influência midiática, questões geográficas e depressão, formam também os principais fatores de risco ao suicídio na adolescência. E por fim, os autores apresentam, com relação ao gênero, que meninas tentam mais suicídio, no entanto, os meninos conseguem mais consumar o suicídio, pois se

utilizam de meios mais agressivos em suas tentativas, assim o êxito é alcançado com maior frequência. (MOURA et al; 2017).

3.2 A ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO FRENTE AS DEMANDAS DE SUICÍDIO

A Organização Mundial de Saúde (OMS, 2017) reconhece o suicídio como sendo prioridade de saúde pública. Assim, é indubitável os avanços nas Diretrizes Nacionais, nos Manuais dirigidos à profissionais e nos debates do Conselho Federal de Psicologia, em termos de construção de Políticas Públicas de Saúde que visem o comportamento suicida em diferentes espaços da vida humana. O comportamento suicida é multifatorial, complexo e perpassa por diversas variantes, como ideação, tentativa e o próprio suicídio, despertando uma atenção acentuada no debate para a prevenção, identificação dos fatores de vulnerabilidade e risco, tratamento e intervenções. (GOMES; IGLESIAS; CONSTANTINIDIS, 2019)

Diversas culturas atribuem ao sujeito que tenta ou consuma o suicídio adjetivos negativos como pecador, fraco, egoísta, entre outros, contribuindo para o silêncio e retraimento destes indivíduos que possuem ideação suicida. Isso cria barreiras que atrapalham a ação preventiva do suicídio e auxiliam no estigma social, não verbalização, manutenção do sigilo e defasagem de conhecimento acerca do assunto, além das dificuldades para que o sujeito chegue até o auxílio. (KUTCHER; CHEHIL, 2007)

Gomes, Iglesias e Constantinidis (2019) afirmam que situação de violência, isolamento, uso de substâncias psicoativas e rigidez emocional se configuram fatores de risco para o comportamento suicida. Por outro lado, possuir vínculos é essencial para o caráter protetivo, além de autoestima elevada, integração nas relações pessoais e sociais e flexibilidade diante de problemas.

Por isso, segundo Barros e Aquino (2019), são importantes a compreensão e o acolhimento efetivo dos casos de tentativas de suicídio. O psicólogo deve intervir nesses casos com uma escuta eficaz e atenciosa, sem modular emoções ou ideias das pessoas que tem ideação suicida ou tentaram o suicídio em si. É necessário que o profissional as acalme, repasse segurança

dentro do possível e colabore para que se permita uma reflexão e verbalização sobre o desejo de morte e/ou autolesão.

No entanto, também é elementar que os familiares, ou acompanhantes, estejam inseridos no processo de intervenção, pois não pode haver falta de informações acerca do risco de ocorrência de uma nova tentativa, assim como essas pessoas serão fundamentais na verificação de condutas que podem ser destrutivas, como ideias de autopunição, humor deprimido, desesperança, comportamentos antissociais, verbalizações sobre o anseio de morrer, são fatores preponderantes que podem levar o sujeito a efetivar o suicídio ou tentar outra vez. (BARROS; AQUINO, 2019)

Considerando o suicídio como uma situação complexa e multifatorial, onde a relação causal individual, social e cultural é decisiva quanto ao comportamento suicida, conclui-se que não há esclarecimento universal para tanto. Assim, é necessário compreender o compreender o comportamento suicida a partir da combinação de três vieses: os precipitantes (externos a pessoa e atuais); os internos (história de vida, afetividade, humor e transtornos mentais); e, por fim, o contexto sociocultural do ato. (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2017).

De acordo com Demarco e Balestrin (2019), cabe ao papel dos profissionais de saúde, em especial ao psicólogo, demonstrar aos pacientes com ideação suicida os momentos significativos onde ele sinta prestígio quanto a sensação de estar vivo. Além disso, é necessário proporcionar um espaço seguro para que se propicie o autoconhecimento.

Dessa forma, os autores afirmam que assim, o sujeito será capaz de compreender, analisar e avaliar as causas que culminaram nessa situação e dar novas respostas e significados ao seu contexto. Entretanto, não é dever do profissional garantir a salvação do paciente, mas levá-lo a uma reflexão crítica da situação, fazendo com que a escolha tenha a chance de poder, talvez, ser alterada por ele. (DEMARCO; BALESTRIN, 2019)

Sendo assim,

> É de grande valia a atuação dos psicólogos, juntamente com outros profissionais da equipe interdisciplinar e familiares, na prevenção do suicídio, nos momentos após a tentativa de suicídio e também, frente aos familiares e amigos que ficaram, nos casos da consumação do ato (DEMARCO; BALESTRIN, 2019).

Apesar de desafiadora, para a psicologia, a tarefa de prevenir o suicídio é uma questão coletiva, visto que é engloba aspectos políticos, sociais e econômicos. Pode-se citar o Núcleo de Estudo e Prevenção do Suicídio (NEPS) que é uma instituição que busca gerenciar atividades preventivas e terapêuticas direcionadas aos pacientes com depressão e ideação suicida, oferecendo assistência psicológica, psiquiátrica e ocupacional. (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2017).

Dentro disso, torna-se indispensável o envolvimento da família nesse trabalho, pois a eles devem ser viabilizados encontros que tanto informem acerca da depressão e do suicídio, como haja o acolhimento destes que estão envolvidos diretamente com o paciente. Além disso, elaboram-se junto da família as possibilidades de tratamento efetivo, objetivando diminuir as situações mal resolvidas geradas pela ausência de conhecimento. (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2017).

O psicólogo também pode fazer um trabalho com os profissionais de saúde, auxiliando na implementação de cursos de capacitação, a fim de muni-los com a percepção de sinais que apontem risco para comportamentos suicidas, tornando viável o encaminhamento correto desses pacientes para o tratamento adequado. (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2017).

3.3 FATORES DE RISCO E MÉTODOS DE PREVENÇÃO CONTRA O SUICÍDIO.

Entende-se segundo Brasil (2020) que a presença de algum transtorno mental é notificada como um fator de risco para o suicídio, de forma que pode haver algum agravamento mediante ao mesmo, entre os transtornos mentais comumente associados podemos identificar depressão, transtorno de humor bipolar, dependência do álcool e outras drogas psicoativas, esquizofrenia, dentre outros relacionados a transtornos de personalidade. Dessa forma, é importante que pontuemos sobre o suicídio enquanto um fenômeno de complexidade e de respectivos multifatores, de forma que pode estar relacionado a fatores como: medo, isolamento, solidão, de acesso reduzido a suporte religioso/espiritual e dificuldade de acesso ao tratamento em saúde mental.

Como supramencionado, o suicídio é um comportamento direcionado a partir de complexos e multifatores, dessa maneira podemos adentrar durante o desenvolvimento desse trabalho sobre o período de desenvolvimento humano denominado como adolescência que parte da faixa etária entre 12 e 18 anos, visto que no Brasil a Organização Mundial de Saúde (2020) alertou sobre ser o suicídio como a terceira causa de mortes entre os jovens de 15 a 29 anos de idade de forma que se tornou um problema de saúde pública. Compreendendo o homem como um sujeito biopsicossocial e espiritual Segundo Cardoso (2019), no processo de construção de identidade podemos demarcar a adolescência como sendo a saída da infância para a entrada na vida adulta de forma que essa transição pode estar a depender do contexto que esse sujeito esteja inserido levar ao aparecimento de fatores de risco.

De acordo com Cardoso (2020) existem três tipos de violência, sendo dividida entre a coletiva, a pessoal e a auto infligida. Denomina-se enquanto violência auto infligida pôr a ação praticada pela própria pessoa de modo que cause danos a sua saúde e colocando a mesma em risco, de tal forma o suicídio é compreendido enquanto tal, de forma que pode acontecer dentro de três categorias: ideação, tentativa e suicídio consumado. É importante aqui destacarmos a elucidação de que com o comportamento suicida o jovem não tem como fim o desejo de morrer e sim, dar fim ao que se sente visto que é desencadeador de grandes sofrimentos na sua vida.

Ainda de acordo com Cardoso (2020) existem alguns fatores de risco que indiciam os agravos da apresentação de comportamentos suicidas entre os adolescentes, primeiramente podemos citar características da personalidade como, por exemplo, temperamento; traços de impulsividade e baixa autoestima. Outro fator de risco que já mencionamos anteriormente é a presença de transtornos mentais que partem desde transtornos de personalidade, depressivo, ansiedade até o transtorno mental de conduta.

É inegável que dentro do adoecimento existe o fator biológico, de tal forma que doenças físicas e orgânicas podem estar associadas como fatores de risco. Entendendo a influência do contexto o qual esse sujeito está intimamente inserido, podemos aqui citar sobre a violência intrafamiliar onde aqui

mencionamos sobre abusos físicos, emocionais, sexuais, negligências e até violências conjugais. (ASSUMPÇÃO; OLIVEIRA; SOUSA, 2018)

Entendendo a adolescência como um momento em que o jovem está se desenvolvendo, principalmente ao que cerne a sua identidade de forma que, nesse momento são apresentadas turbulências fisiológicas e psicológicas além de questões afetivas, familiares e sociais podemos mencionar sobre os fatores de risco relacionados aos estressores escolares que envolvem desde o bullyng, rejeição, exclusão social até baixa escolaridade (LIMA; LOPES, 2020). E para finalizarmos ao que cerne aos fatores de risco, precisamos mencionar sobre os fatores psicossociais, que envolvem desde perdas até relações de subalternidade e opressão que aqui podem envolver pobreza e baixo nível socioeconômico. (CARDOSO, 2020)

Dado ao exposto ao que se refere aos fatores de risco do suicídio é preciso ressaltar que como consideramos o sujeito como biopsicossocial e espiritual de forma que, cada sujeito encontra-se inserido em dado contexto cultural, logo as manifestações de sofrimento partem de motivações diferentes, o que não nos cabe a julgá-las por não estarem inseridas dentro de um padrão que muitas vezes é cultuado dentro de determinados contextos, de forma a anular e ignorar a forma que o ser humano encontra para externalizar o que se sente e como se sente.

Segundo Peixoto et al (2018) compreendemos saúde como um estado dinamismo que acopla aspectos físicos, mentais e sociais de forma que ao assumir o dinamismo e não a postura anteriormente assumida, a saber, estática e formal, permite assim que o conceito de saúde se amplie. De tal forma que não esteja reduzido a um equilíbrio binômio físico-mental de tal maneira que é necessário que esse indivíduo esteja integrado no seu meio e ajustado às exigências deste, destarte afirmando a importância do componente social, valorizando as interações e socializações para o bem-estar no sujeito, assim a saúde passa a apresentar-se como um constructo mais coletivo.

Como mencionado o comportamento suicida parte de três categorias, de forma que entre a ideação e a consumação do ato há explicitas formas de manifestações, que partem desde gestos até palavras. Ainda há uma

invisibilidade perante o comportamento suicida e sofrimento desse sujeito dentro do seu contexto familiar e amigos e que perpassa tais relações até chegar entre os profissionais de saúde que na medida em que invisibilizam o sofrimento do sujeito, reforçam tabus sociais relacionados ao comportamento suicida que estão correlacionados a “falta de uma religião”, “frescura”, dentre outros. (MEINE, 2019)

A falta de informação e interesse sobre o tema atravessa as relações de forma que o suporte a esse sujeito se torna cada vez mais limitado. Para tanto frente ao processo de adolescer e vasta gama de estereótipos dentro desse desenvolvimento, e além da adolescência, as disseminações sociais acerca de patologias como depressão e comportamentos suicidas torna-se urgente à necessidade a reformulação de estereótipos acerca do sofrimento de um sujeito que necessita de suporte. (MEINE, 2019)

A partir daqui iniciaremos a discussão acerca da importância de uma promoção de saúde mental a população, primeiramente vale reforçar que a psicologia em si ainda é inacessível para alguns públicos. Segundo Luz et al (2018) a psicologia instituiu seus objetos de análises e intervenção de forma desvinculada a realidade sócio-histórico-cultural que constituía o sujeito, logo, as possibilidades de ação e transformação estavam limitadas. Ainda segundo a autora em questão, sofremos influência de uma psicologia norte-americana que estava a serviço de classes elitistas, o que retratava dessa maneira interesses individuais e assistencialista totalmente desvinculada da política, onde se caminhava para uma neutralidade e perspectiva positivista no qual separa o sujeito de seu conhecimento e objeto.

Como supramencionamos a falta de informação sobre o que circunda o comportamento suicida e a prevalência de estereótipos acerca do sofrimento direciona para a reprodução ideológica da loucura de forma que além de deslegitimizar o sofrimento alheio os desqualifica ao que se afirmar, Luz et al (2018) portanto, entendemos que uma das primeiras formas de intervenção e prevenção acerca do suicídio seja um trabalho a nível comunitário para que seja falado sobre o adoecimento mental e a desmistificação a cerca desse. É necessário espaços de fala para esses sujeitos, é fundamental que os seus sentimentos sejam minimamente respeitados e acolhidos. E essas intervenções

devem estar pautadas num acolhimento sem negligências, e são para além do ambiente comunitário, incluem a abordagem dentro do contexto familiar, escolar e entre os profissionais de saúde.

Luz et al (2018) nos traz considerações fundamentais sobre as contribuições da psicologia comunitária na saúde mental de forma que, além de entendermos a importância do processo psicoterápico, devemos entender que ele por si só não mudará o contexto de sofrimento do sujeito. É indiscutível a importância desse processo, porém, não nos cabe pensar numa psicologia mercadológica, até porque dentro da consideração do social na instituição do sujeito torna-se inviável a produção do mesmo. O processo de psicoterapia em si é uma das formas de promoção de qualidade de vida, liberdade, autonomia. Mas ainda não é um processo de fácil acesso para toda a população. De tal forma que onde a clínica individual não obtém alcance a saúde mental deve chegar a partir de outras manifestações, a partir dos equipamentos sociais como Centros de Atenção Psicossocial, Centro de Assistência Social, Centro de Referência Especializado em Assistência Social de forma que a saúde mental é algo coletivo também e deve chegar aos respectivos.

4 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa, pretendeu compreender melhor e tecer considerações acerca do que tange a relação de suicídio/comportamento suicida e adolescência. Esse recorte quanto ao tema e ao público foi pensado justamente pela necessidade de se criar espaços de diálogo e reforçar a necessidade do comprometimento ético e científico do profissional de psicologia ao que se refere a essa demanda e aquelas as quais chegam aos consultórios de uma forma geral.

Indubitavelmente a pandemia do Corona vírus prejudica não só a forma como se vive na contemporaneidade, mas também como a produção científica vem sendo construída, visto isso, esse trabalho originalmente tinha como intuito ser uma pesquisa prática, que pudesse compreender de forma experiencial a visão de adolescentes sobre o suicídio, mas ainda assim, se torna importante

tocar nesse assunto, uma vez que é justamente nesses tempos em que o cuidado com a saúde mental deve ser constante.

Construir arcabouço teórico sobre essa temática, pode ser uma estratégia para se reconhecer essa importância de cuidado, pensando sempre na articulação dos setores de assistência, saúde e educação, reforçando o compromisso do cuidado ético e científico sobre o sofrimento e principalmente sobre o sofrimento do adolescente.

Ao se falar sobre suicídio, independente do público ao qual essa demanda se dirige, se faz muito necessário que essas construções se façam de uma maneira cientifica, rompendo com “achismos” e métodos que não compreendam toda uma complexidade desse sofrimento, por isso que a estrutura desse trabalho, além de ser pensado na caracterização e detalhamento dessa demanda, foi também pensado no que se pode ser levantado como fatores de risco e de proteção para eles.

Ao que se refere a metodologia aqui abordada, dentro do recorte dos artigos escolhidos, se observa que se vem cada vez menos se construindo pesquisas que abarquem esse tema, ou até mesmo que apenas se reforçam a mesma forma de pesquisar, mostrando uma carência dessa produção como forma de luta nesse processo, além da necessidade de que se crie tecnologias assertivas, não só para os profissionais de psicologia, mas para todos os profissionais que venham a trabalhar em contato com a população que tenha esse tipo de demanda.

Diante de tudo aqui exposto, é importante salientar a forma como os autores associam a adolescência ao suicídio, levando em consideração que seja uma fase mais delicada, onde os sujeitos ainda se encontram de forma bastante delicada, uma vez que essa é marcada por mudanças e alterações psíquicas, mas também como emocionais e físicas.

Sendo assim é possível se fazer uma correlação entre esses fatores e deixando ainda mais claro como o período da adolescência, se encontra para todos os autores citados aqui, como sendo ainda mais vulnerável quando se refere as questões de comportamento suicida, tendo como ponto a ser trabalhado o fortalecimento de estratégias de prevenção.

Com a compreensão de que essa pesquisa veio de forma muito parcimoniosa, apontar algumas condições nesse trabalho com pacientes com queixas suicidas, o recorte do público alvo por sua vez, foi pensado justamente pelo silenciamento social que está ligado ao adolescente, entretanto, essas e outras questões que podem ser levantadas ao longo dessa dissertação, apontam para a carência e importância de que se criem ainda mais estudos, envolvendo vários públicos, mas que tomem como ponto de partida o suicídio, para que assim possamos fazer um trabalho bem sucedido em função da preservação da vida.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, R. S. A prática da automutilação na adolescência: o olhar da psicologia escolar/educacional. **Caderno de Graduação-Ciências Humanas e Sociais-UNIT-ALAGOAS**, v. 4, n. 3, p. 147, 2018.

ANJOS, R. E. **O desenvolvimento da personalidade na adolescência e a educação escolar: aportes teóricos da psicologia histórico-cultural e da pedagogia histórico-crítica**. 2017.

ASSUMPÇÃO, G.L.S; OLIVEIRA, L. A; SOUZA, M.F.S. Depressão e suicídio: uma correlação. **Pretextos-Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas**, v. 3, n. 5, p. 312-333, 2018.

AZEVEDO, I; MORAIS, M. F; MARTINS, F. Educação para a criatividade em adolescentes: Uma experiência com future problemsolvingprogram internacional. **REICE. Revista Electrónica Iberoamericana sobre Calidad, Eficacia y Cambio enEducación**, 2017.

BARROS, Vera Lúcia Souza dos Santos de; AQUINO, Larissa Queiroz Azevedo de. A atuação do psicólogo frente ao comportamento suicida. **AMAZÔNIA: SCIENCE & HEALTH**, v. 7, n. 1, p. 50-68, 2019. Disponível em: < http://www.ojs.unirg.edu.br/index.php/2/article/view/1830>. Acesso em: 09 jun. 2021.

CARDOSO, Alessandra S.; CECCONCELLO, Alessandra M.; **Fatores de risco e proteção para o suicídio na adolescência.** Revista Perspectiva: Ciência e Saúde. Osório, 2019.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. O suicídio e os desafios para a conselho federal de psicologia. Prevenção ao Suicídio: desafios para a Psicologia e a saúde pública. Conselho Federal de Psicologia, 2017. Disponível em: <https://site.cfp.org.br/prevencao-ao-suicidio-desafios-para-psicologia-e-saude-publica/>. Acesso em: 25 de maio de 2021.

DEMARCO, Taisa Trombetta; BALESTRIN, Julia Laís. SUICÍDIO NA ADOLESCÊNCIA E AS CONTRIBUIÇÕES DA ÁREA DA PSICOLOGIA PARA SUA PREVENÇÃO. **Anuário Pesquisa e Extensão Unoesc Videira**, v. 4, p. e23176-e23176, 2019. Disponível em: < https://unoesc.emnuvens.com.br/apeuv/article/download/23176/13494>. Acesso em: 09 jun. 2021.

FIOCRUZ, Fundação Oswaldo Cruz. (2020). **Cartilha Saúde Mental e Atenção Psicossocial na Pandemia do Covid-19.** Disponível em: https://www.fiocruzbrasilia.fiocruz.br/wp-content/uploads/2020/05/cartilha_prevencaosuicidio.pdf. Acesso em 12 de junho de 2021.

GOMES, Eliene Rocha; IGLESIAS, Alexandra; CONSTANTINIDIS, Teresinha Cid. Revisão integrativa de produções científicas da psicologia sobre comportamento suicida. **Revista Psicologia e Saúde**, v. 11, n. 2, p. 35-53, 2019. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2177-093X2019000200004>. Acesso em: 09 jun 2021.

LIMA, J.C; LOPES, D.S. BULLYNG: CONSEQUÊNCIAS E PREJUÍZOS NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM NO AMBIENTE ESCOLAR. **Revista Ensino, Saúde e Biotecnologia da Amazônia**, v. 2, n. esp., p. 66-70, 2020.

MARCHESINI, Ana Carolina P.; HILLE, Matheus. B.D; PEREIRA, Bárbara D. P.; LUZ, Rafael R. **Psicologia Comunitária e suas possibilidades no Campo da Saúde Mental.** Estação Cientifica. Juiz de Fora, 2018.

MARCONI, M.A. LAKATOS E.M. **Fundamentos de Metodologia Cientifica.** 7° ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MEINE, Isadora R.; CHEYRAM, Maryeli C.; JAEGER, Fernanda P. **Depressão e Suicídio: o adolescente frente a fatores de risco socioculturais.** Universidade Federal de Itajubá, 2019.

MELO, A. K; SIEBRA, A. J; MOREIRA, V. Depressão em adolescentes: revisão da literatura e o lugar da pesquisa fenomenológica. **Psicologia: ciência e profissão**, v. 37, n. 1, p. 18-34, 2017.

MOURA, I. et al. ESTRESSE NA ADOLESCÊNCIA. **REVISTA DE TRABALHOS ACADÊMICOS-CAMPUS NITERÓI**, 2017.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Campanha da ONU busca conscientizar população sobre prevenção ao suicídio**. Genebra, 2017. Disponível em:<https://nacoesunidas.org/campanha-da-onu-busca-conscientizarpopulacao-sobre-prevencao-ao-suicidio/>. Acesso em: 02 de junho de 2021.

PEIXOTO AC, et al. Habilidades **sociais na promoção de saúde: preditoras da saúde mental e sexual.** Psicologia, Saúde & Doenças, Lisboa, 2018.

YAMAZAKI, S.C; YAMAZAKI, R.M.O; LABARCE, E.C. Piaget como referencial teórico para o ensino e aprendizagem de adolescentes e adultos. **Amazônia: Revista de Educação em Ciências e Matemáticas**, v. 15, n. 34, p. 66-79, 2019.